

**UM OLHAR ETNOGEOGRÁFICO SOBRE AS PAISAGENS CULTURAIS
BARROCAS DO *HINTERLAND* BRASILEIRO NA(S) MINAS
OITOCENTISTA(S)**

Henrique Moreira de Castro

Professor- Rede Municipal de Ensino/ Betim (MG)
Especialista em Espaço Urbano e Percepção Ambiental/ UFMG

José Antônio Souza de Deus

Professor Adjunto- Instituto de Geociências/ UFMG
Doutor em Ciências (Geografia)/ UFRJ

RESUMO

Esse trabalho discute uma experiência didática recentemente desenvolvida em duas unidades acadêmicas da Universidade Federal de Minas Gerais/ UFMG, em Belo Horizonte (Instituto de Geociências/ IGC e Faculdade de Educação/ FaE)- e que teve como objetivo essencial a investigação das conexões e interfaces entre diferentes campos do Conhecimento, viabilizando a elucidação e reelaboração de idéias construídas em torno de um período sugestivo e emblemático da história do Brasil (e sobretudo das regiões sudeste e centro-oeste do país): o Barroco. Optamos por uma abordagem que privilegiasse as categorias conceituais de análise e os paradigmas de interpretação da Geografia Cultural e da Percepção Ambiental. Os passos metodológicos utilizados para a operacionalização da prática educativa foram: pesquisa bibliográfica, cartográfica e documental; problematização sobre as categorias teórico-conceituais envolvidas; formação de grupos orientados para a investigação dos conceitos e temas em pauta; reconhecimento de campo e sistematização dos dados e informações. A proposta fundamentou-se numa postura de respeito às diferenças de estilo e habilidades de aprendizagem dos graduandos e no estímulo às suas potencialidades criativas, afetivas e sociointerativas. O trabalho se propôs em particular, a fazer a leitura de elementos iconográficos típicos desse período em Minas Gerais (um dos mais importantes e estrategicamente localizados dos estados brasileiros), tendo a pesquisa se direcionado aos alunos de cursos de graduação, nas modalidades de licenciatura e bacharelado (Geografia, Turismo e “Formação Intercultural de Educadores Indígenas”). Buscamos ainda uma interação com professores do ensino fundamental e médio da Região Metropolitana de Belo Horizonte, para viabilizar um diálogo com abordagens e concepções da geografia escolar. Foram privilegiadas no trabalho a releitura e reinterpretação da influência dos afrodescendentes na construção e consolidação de um substrato cultural próprio no cenário regional a partir da postulação de que a incorporação da vertente africana no entendimento e reflexão sobre a cultura nacional permanece como questão fundamental no contexto brasileiro (e mesmo latino-americano)- e que certamente demanda uma análise mais atenta e cuidadosa dos pesquisadores da teoria social, sobretudo daqueles dedicados à construção e reelaboração da Geografia Humana. A abordagem da questão dos afrobrasileiros foi também utilizada como instrumento de reavaliação e (re)significação da Geografia Cultural no cenário da investigação científica brasileira contemporânea. O Barroco é visualizado no trabalho, como uma manifestação visual e estética que se desenvolveu no século XVIII, mesclando características profanas e sagradas e produzindo repercussões/

desdobramentos no comportamento e prática sociais que tangenciam a realidade atual. São colocadas em evidência ainda na investigação, as mixagens interculturais que representaram à época do Brasil Colônia, importantes códigos para a elaboração e amalgamação de um novo universo cultural que emergiu no contraditório contexto das regiões de antiga mineração no Brasil- como o Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais, Vale do Jequitinhonha (MG), Cuiabá (Mato Grosso) e sul de Goiás-, e cujos ícones arquitetônicos, culturais e artísticos são identificados em “cidades históricas” como as antigas *Vila Rica* (Ouro Preto) e *Arraial do Tejuco*, no *Distrito Diamantino* (Diamantina/ MG), hoje sintomática e apropriadamente caracterizadas como patrimônios da Humanidade. Esse universo cultural cheio de dinamismo, particularidades e ambigüidades naturalmente incorporou ainda elementos de outros vetores culturais minoritários (oriental, mourisco, indígena...) que contribuíram para enriquecer, transformar e reelaborar a cultura européia, hegemônica na região.

Palavras-Chave: Barroco, Paisagens Culturais Mineiras, Comunidades Afrodescendentes em Minas Gerais, Geografia e Ensino, Percepção do Espaço Mineiro.

I- INTRODUÇÃO

Esse trabalho propõe uma abordagem conceitual e metodológica centrada no cotidiano escolar e materializada numa proposta de ensino transdisciplinar, direcionada para a investigação das conexões e interfaces entre a Geografia, a História e a Arte. O postulado básico dessa intervenção em sala de aula consistiu em que os estudantes pudessem adquirir a capacidade de utilizar diferentes linguagens (incluindo-se aí, a cultura e memória visuais). Os alunos que participaram dessa experiência foram graduandos de cursos de duas unidades acadêmicas da Universidade Federal de Minas Gerais- em Belo Horizonte: Instituto de Geociências (cursos de Geografia¹- Licenciatura e Bacharelado e Turismo²- ambos vinculados ao Departamento de Geografia- IGC/ UFMG) e Faculdade de Educação (Curso de *Formação Intercultural de Educadores Indígenas*³- FIEI-FaE), matriculados em disciplinas optativas na área de Geografia Cultural/ Etnogeografia . O recorte temático selecionado para a viabilização e desenvolvimento dessa práxis foi uma *paisagem cultural* sugestiva e marcante na história mineira: o Barroco.

II. METODOLOGIA

Os passos metodológicos utilizados para a operacionalização da prática educativa foram: pesquisa bibliográfica, cartográfica e documental; problematização sobre as categorias teórico-conceituais envolvidas; formação de grupos orientados para a investigação dos conceitos e temas em pauta; reconhecimento de campo e

¹ Tópicos em Geografia Humana e Tópicos Especiais em Geografia I: Geografia Cultural do Brasil/ Etnogeografia

² Tópicos em Planejamento do Turismo: Geografia Cultural, Indigenismo e Etnossustentabilidade no Brasil.

³ O curso *FIEI/ FaE* é direcionado aos professores indígenas mineiros das etnias *Maxakalí, Krenak, Xakriabá, Pataxó, Caxixó, Xukuru-Kariri* e *Pankararu*, propondo-se à construção de um diálogo intercultural e desdobrando-se em três eixos de atuação intitulados: “A Escola e Seus Sujeitos”, “Múltiplas Linguagens” e “Conhecimento da Realidade Socioambiental”.

sistematização das informações. A idéia fundamental dessa intervenção não foi a de ensinar uma técnica aos estudantes, mas sim a de desenvolver neles a capacidade criativa no exercício da pesquisa, pois cada pessoa se apropria das imagens de uma maneira peculiar, as absorvendo e reinterpretando. Tivemos também como meta que os alunos conhecessem e se apropriassem da linguagem fotográfica de forma crítica e contextualizada, na perspectiva da construção de uma abordagem plural e multidimensional da realidade. A avaliação dos alunos foi realizada de forma processual e contínua e os conceitos trabalhados no curso foram apresentados a eles de forma contextualizada, no âmbito de debates/ discussões imbricadas com as linhas interpretativas da Geografia Cultural/ Etnogeografia (CLAVAL, 1992, 1996, 2008; COSGROVE, 1998; COSGROVE, JACKSON, 2003; DEUS, 2005; DUNCAN, DUNCAN, 1999; HALL, 2001; McDOWELL, 1996; WAGNER, MIKESSELL, 2003) e da Geografia da Percepção (AMORIM FILHO, 1987, 1997, 1999, 2007; GALLAIS, 1998; HOLZER, 1997, 1999; OLIVEIRA, 1999, 2006; OLIVEIRA, MACHADO, 2004; TUAN, 1980, 2005).

III- REFERENCIAL TEÓRICO- CONCEITUAL

O Barroco é uma manifestação visual e estética (BOTELHO, REIS, 2001, p. 23)- ou um estilo-, caracterizado pela exuberância das formas e pela pompa litúrgico-ornamental- que surge na Europa a partir do século XVII e se estende até parte do século XVIII, “correspondendo historicamente à ação contra-reformista da Igreja Católica e também à expansão colonizadora de Portugal e Espanha” (ÁVILA, GONTIJO, MACHADO, 1996, p. 131). O Barroco segundo Ávila, Gontijo e Machado (1996, p. 5) compreenderia “um fenômeno bem amplo, vinculado tanto às lutas religiosas entre reformistas e contra-reformistas, quanto à expansão mercantilista decorrente das grandes navegações”. Distribuído por um espaço geográfico muito amplo- compreendendo Itália, França, Espanha, Inglaterra, Alemanha, México, Brasil, dentre outros países-, o estilo evoluiu diferentemente em cada lugar, assumindo dinâmica própria, do que resultaram formas e modelos particulares e originais em cada região (CIVITA, 2000). Na verdade, “mais do que um estilo artístico, o Barroco designa uma cultura entendida como uma visão de mundo constituída historicamente” (ROMEIRO, BOTELHO, 2003, p. 50). No Brasil, suas diversas manifestações culturais e artísticas aparecem a partir do século XVII, sob a influência do *Barroco ibérico*, com o objetivo de mostrar a força do Estado e da Igreja Católica. Na Colônia, o Barroco do litoral, influenciado nitidamente pela Europa (BOTELHO, REIS, 2001, p. 24), desenvolveu-se principalmente na Bahia, Maranhão, Pernambuco e na zona decadente da cana-de-açúcar “marcando com suas formas o programa arquitetônico e ornamental de igrejas e conventos” (ÁVILA, GONTIJO, MACHADO, 1996, p. 131). No Rio de Janeiro, caracterizou-se pela grande opulência dos interiores, em contraste com a simplicidade das fachadas.

Nas Minas Gerais do século XVIII, houve também uma influência considerável do Barroco sobre a produção cultural, assumindo aqui o estilo características próprias - com destaque para as obras de Antônio Francisco Lisboa- o “*Aleijadinho*” (ANDRADE, 2003; BASTIDE, 2003; BRETAS, 2003; CAMINADA, 2003; FERNANDES, 2003; FERREIRA, 2001; LATERZA, 2003; VIEGAS, 2003; MANGUEL, 2001; MEYER, 1979; MOURÃO *et. al.*, 2003; MUZZI, 2003; SMITH, 2003), Manoel da Costa Ataíde (CAMINADA, 2003; CAMPOS, 2005; COELHO, 2005; LEVY, 2003; PAIVA, 2003),

Mestre Valentim e Lobo de Mesquita. “Por volta de 1770, surge uma produção regional com características próprias. Tem-se então o afastamento dos modelos portugueses e litorâneos” (CAMPOS, 2006, p. 49). E vale ressaltar que a própria “origem” do povo mineiro se liga nos valores associados à cultura barroca “criando uma forte relação de identidade entre eles, a ponto de se representar o estado e sua gente pelos ícones e imagens ligados ao Barroco” (CARSALADE, 2003, p. 208). Vale ressaltar inclusive que ao erigir no estado os seus maiores ícones arquitetônicos (na Pampulha e Praça da Liberdade em Belo Horizonte, principalmente), a arquitetura modernista vai resgatar traços barrocos, procurando se sintonizar e se harmonizar com a mineiridade clássica dos tempos coloniais (DEUS, CASTRO, 2008 a/ b).

Nesse território, “durante o Século XVIII, a expansão dos santuários coincide com a grande corrente migratória de aventureiros portugueses e brasileiros em direção a Minas Gerais e demais regiões mineiras” (ROSENDAHL, 1997, p. 144)- pois “a corrida do ouro mineiro, no início do século XVIII, provocou um fluxo populacional jamais visto para o interior da América Portuguesa, o qual chegou a ser denominado de a *Grande Invasão*. As primeiras ondas migratórias para as minas foram tão intensas que várias medidas restritivas foram tomadas no sentido de coibir a transferência de população para a região, particularmente de pessoas vindas do Reino, pois se temia seu despovoamento” (FURTADO, 2005, p. 194). A suntuosidade decorativa do interior das igrejas inclusive “completa e acentua o aspecto monumental da arquitetura religiosa em Minas” (ÁVILA, GONTIJO, MACHADO, 1996, p. 8). Por não se restringir a um estilo artístico e designar também formas de pensamento do século XVIII, pode-se falar da existência de uma “mentalidade barroca na Minas oitocentista” (ÁVILA, GONTIJO, MACHADO, 1996, p. 10). Em Minas, a cultura barroca foi “(re)inventada” à luz das particularidades locais, tendo de se adaptar às condições do meio (como por exemplo, a utilização do *esteatito* como pedra de cantaria na escultura arquitetônica), e a inserção no contexto de uma sociedade senhorial e escravista, por vezes ameaçada por insurreições e revoltas (desde os seus primórdios, a história de Minas caracteriza-se por essa “efervescência mental que associa à busca obstinada da riqueza oferecida pelo solo à insubordinação e ao espírito reivindicativo, a que não falta, por outro lado, um acentuado labor artístico”- LUCAS, 1998, p. 10).

“Na região de Minas Gerais em particular, o estilo barroco assumiu aspectos distintamente originais: primeiro, sem modelos oficiais ou artesãos qualificados, durante a chegada caótica dos colonizadores da corrida em busca do ouro no início do século XVIII, e depois, alguns anos mais tarde, com o nascimento de arquitetos e artistas locais que familiarizados com a terra, eram capazes de selecionar e adaptar os elementos mais adequados a um lugar que não era a Europa. Os arquitetos de Portugal haviam descoberto o seu material ideal na madeira dourada, assim como os franceses o encontraram na pedra e os italianos, no mármore. Mas, nos morros de Minas Gerais, os materiais dos artistas se diversificaram: havia o ouro que as antigas lendas européias tinham prometido aos exploradores do Novo Mundo; havia a madeira, não o pau brasil duro, vermelho como a pele do diabo que dera ao país o seu nome, mas o cedro brasileiro cuja maciez se prestava ao entalhe intrincado; e havia aquele peculiar agregado compacto de talco, a mais macia de todas as pedras, usada outrora na antiga China e na Mesopotâmia” (MANGUEL, 2001, p. 226). Várias regiões africanas também não só possuem jazidas desse tipo litológico- o *esteatito* (“pedra-sabão”)-, “como registram secular utilização desse material em esculturas e objetos de uso cotidiano”. Associada às outras rochas, ela “é responsável pela suavidade das curvas e pela textura refinada de

vários monumentos do barroco mineiro” (PEREIRA, LICCARDO, SILVA, 2007, p. 114).

“Em Minas Gerais houve, durante os séculos XVIII e XIX uma concentração de artífices e artistas com mãos hábeis e talentosas ajudaram a construir o acervo arquitetônico das cidades. Dentre eles destaca-se a participação dos canteiros, artesãos que executaram inúmeras e variadas peças de cantaria”... (PEREIRA, LICCARDO, SILVA, 2007, p. 91). “A arte foi implantada por influência de pedreiros e canteiros portugueses e adquiriu peculiaridades devido ao uso das rochas locais e à criatividade dos mestres, oficiais e nativos, marcando presença na arquitetura e ajudando a compor o belo e original acervo que caracteriza o barroco mineiro. Por se tratar de uma técnica relativamente onerosa de construção, a cantaria no século XVIII teve desenvolvimento nas vilas e cidades ligadas às riquezas do período, ou seja, a mineração do ouro e às atividades mercantis. Assim os mais completos conjuntos arquitetônicos encontram-se em Ouro Preto, Mariana, São João Del Rei, Congonhas e Tiradentes, locais de morada de governadores, bispos, nobres, autoridades militares, fazendeiros e destacados negociantes. Dentre as antigas vilas do ouro que tiveram sua arquitetura marcada pela arte canteira, Ouro Preto é a que se destaca pela quantidade e qualidade de suas obras”... A cantaria ouro-pretana desenvolveu-se com o emprego do quartzito, conhecido na época por *itacolomito* (VILLELA, 2003), “por ser retirado da Serra do Itacolomi. Essa rocha era considerada de excelente qualidade para o uso da cantaria” (PEREIRA, LICCARDO, SILVA, 2007, p. 23).

IV. O SAGRADO E O PROFANO NA MINAS COLONIAL BARROCA E SUAS REVERBERAÇÕES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A cultura barroca mineira é um mesclado a um só tempo, do sagrado e do profano⁴, no qual a morte e as preocupações com a salvação da alma⁵ ocupam um lugar central, convivendo entretanto, de forma harmoniosa com as celebrações e festividades- o espaço privilegiado de toda a sociabilidade (ROMEIRO, BOTELHO, 2003). No modelo festivo barroco do catolicismo colonial português, nunca foram muito claras de fato, as fronteiras entre o sagrado e o profano⁶. Na Minas oitocentista,

“a sociedade e a religião não constituíam instâncias separadas. Uma festa de cunho religioso podia ao mesmo tempo exaltar o *Santíssimo Sacramento*, o novo bispado, e por meio dele, o monarca cristão, que a tudo precedia, assim como seus vassallos obedientes e piedosos, de quem se esperava tanto o zelo da coisa pública quanto a observância da fé. Se a festa expressa a religiosidade da população mineira, e quase sempre exacerbada, ela celebra também o apogeu da mineração e tenta estancar os males advindos de sua decadência” (SOUZA, 2001, p. 187).

⁴ Os espaços sagrado e profano admitem três dimensões distintas: a dimensão econômica (compreendendo os bens simbólicos, os mercados e as redes), a dimensão política (compreendendo a religião, o território, a territorialidade, a religião civil, a sacralidade e a identidade) e a dimensão do Lugar (compreendendo a difusão da Fé, a comunidade, a identidade religiosa, a *Hierópolis*, a percepção, a vivência, o simbolismo, a paisagem religiosa e a região cultural- ROSENDAHL, 2003)

⁵ A religiosidade mineira se manifesta por meio de um conjunto de práticas de devoção, tais como o culto aos santos, às almas do Purgatório e a crença em milagres.

⁶ “A bebida, ao lado da comida, fazia parte integrante das festas, tanto religiosas quanto profanas, das comemorações, das reuniões. Não havia festa sem seu consumo. Mesmo a embriaguez parecia natural e permitida nessas ocasiões, se houvesse uma boa intenção, como o desejo de homenagear os santos e os valorizar. Ao menos, essa era uma crença bastante divulgada. A bebida servia como uma real homenagem e mesmo alguns excessos pareciam dignos de perdão” (SCARANO, 2001, p. 478).

As celebrações cívicas eram anunciadas por cortejos de mascarados ao som de músicas e, mesmo nas festas religiosas, as procissões eram seguidas de espetáculos pirotécnicos, encenações teatrais, bailes, jogos de destreza a cavalo ou corridas de touros. Ao revisitarmos a nossa história religiosa, católica e centro da própria vida dos séculos XVII e XVIII, percebemos que foi ali que nasceu esse universo sagrado e profano que faz a nossa cultura tão singular e original⁷. E em sua abordagem sobre as festas do apogeu minerador, Souza (2001) sugestivamente registra como nessas ocasiões, tudo reluzia nos enfeites de ouro e prata, tudo faiscava em pedras preciosas, traduzindo a euforia da sociedade mineradora, opulenta, desigual e arrivista. “Momento privilegiado da cultura e sociabilidades barrocas, a festa religiosa era um ritual público, que tanto servia para reforçar os laços de solidariedade quanto refletir os valores sociais que pautavam o ordenamento social. A um só tempo profana e religiosa, a festa divulgava as normas a serem seguidas, hierarquizava os lugares sociais, distinguindo uns e excluindo outros. Espaço de lazer e de afrouxamento das obrigações sociais, ela também impunha a obediência à Igreja e ao Estado, destacando a proximidade entre a população e o sagrado” (ROMEIRO, BOTELHO, 2003, p. 142). Numa região de *fronteira*⁸ aberta, “as festas barrocas ritualizaram as diferenças e, ao mesmo tempo, desempenharam papel central na neutralização momentânea de conflitos e de clivagens sociais, produzindo, bem ao gosto do barroco, a ilusão que a realidade dura era um sonho bom” (SOUZA, 2001, p. 195). Tais conflitos atingiam seu ápice nos violentos e permanentes enfrentamentos entre conquistadores e as sociedades indígenas ou núcleos quilombolas (ANJOS, 2000; DEUS, NOGUEIRA, FANTINEL, 1998; REIS, GOMES, 1996).

Podem-se levantar a hipótese de que o carnaval de hoje, dos grandes desfiles das escolas de samba, tenha se inspirado nos desfiles comemorativos, sagrados e profanos, do período colonial barroco (ÁVILA, GONTIJO, MACHADO, 1996, p. 7). E com efeito, os brasileiros vêm misturando o sagrado e o profano há muitos anos, num admirável processo de sincretismo. Os detalhes que recobrem as paredes e o mobiliário que adornam as imagens de nossas igrejas têm aliás, muito a ver com a maneira atual com que o nosso povo usa as suas fantasias e máscaras, seja quando pinta os corpos quase nus no Carnaval, seja quando veste roupas de preceito nas festas religiosas. A arte barroca mineira concebe a vida com um grande e suntuoso espetáculo. E podemos também perceber nesse estilo de arte, certa ênfase na exaltação da novidade, do exótico, e do extravagante, bem como na reinvenção e apropriação de várias culturas como a africana, indígena, chinesa e européia (e em Diamantina/ MG, são localizadas também certas influências mouriscas na arquitetura- ROMEIRO, BOTELHO, 2003). Para Borges (2005), o sincretismo deve inclusive ser visualizado como um processo dinâmico, envolvendo uma relação intelectual e emocional dos agentes (“no interior da Igreja São Francisco de Assis em Ouro Preto, as imagens religiosas, embora cristãs, também se prestavam a uma leitura segundo a tradição africana”... Assim “a Nossa Senhora do Rosário é também Yemanjá, a deusa africana do mar”... “Os cascos de

⁷ A história registrou ao longo do século XVIII, pelo menos três grandes cortejos: a procissão do *Triunfo Eucarístico* na antiga Vila Rica (hoje, Ouro Preto), e outras dois incidentes respectivamente no Rio de Janeiro e na Bahia (em Santo Amaro da Purificação).

⁸ O termo *fronteira*, clássico conceito geográfico- que etimologicamente deriva do vocábulo “front” (o “front” da guerra), é aplicado aqui em seu sentido mais amplo- de *fronteira* de expansão econômica, demográfica, etc. de uma sociedade, civilização ou cultura sobre um território “virgem”, inexplorado, como aconteceu no Brasil Colônia na região das Minas (e no período mais recente e atual, na região amazônica- BECKER, 2005).

tartaruga representados nos baixos relevos possuem significados próprios e específicos nos ritos de iniciação dos escravos. Na Igreja de São Francisco de Assis as imagens podem ser européias, mas a articulação, as correntes ocultas de significado pertencem definitivamente às tradições negras da África”...- MANGUEL, 2001, p. 239-240). Como testemunhos deste universo policultural merecem ser destacadas as obras arquitetônicas e artísticas das igrejas de *Nossa Senhora do Rosário* em Ouro Preto e de *Nossa Senhora do Ó* em Sabará.

Vale ressaltar que alguns mulatos como o “*Aleijadinho*” e Mestre Ataíde destacam-se significativamente no contexto histórico e sociocultural do barroco, brilhando principalmente nas artes plásticas e na música. Manguel (2001, p. 238), destaca por outro lado que os escravos africanos (como o Maurício, do *Aleijadinho*), que nos países de origem (Nigéria, Benin, Congo, Angola, Moçambique, Guiné) “tinham sido escultores, fabricantes de máscaras, ferreiros e arquitetos, trouxeram as suas habilidades e talentos através do mar até o Brasil”. Já “as manifestações artísticas que apresentam forte influência oriental” (ROMEIRO, BOTELHO, 2003, p. 77), ficaram classicamente conhecidas como as “chinesices” do barroco mineiro. “Nas Minas, as chinesices aparecem a partir do século XVIII e têm na pintura a sua principal expressão”... “A presença oriental estava incorporada ao cotidiano das Minas, por meio dos mais diversos utensílios”... “e dos motivos e temas das artes visuais, resultantes da circulação de múltiplas culturas no âmbito do universo ultramarino português” (ROMEIRO, BOTELHO, 2003, p. 78). As “chinesices” são registradas em muitas igrejas mineiras do período barroco, sendo as mais conhecidas “as da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Sabará, da Capela de Nossa Senhora do Ó de Sabará e da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas. Nessas igrejas as chinesices introduzem uma nota profana, característica do Barroco que une o sagrado e o profano” (ROMEIRO, BOTELHO, 2003, p. 77).

No Barroco Mineiro, muitos foram os fatores que contribuíram para a criação de uma cultura autônoma e de um estilo regional próprios, dentre os quais podemos destacar o contato com técnicas artísticas tanto de origem culta como popular, a atuação decisiva de *irmandades*⁹ e *confrarias*¹⁰, a constituição de uma sociedade diversificada,

⁹ “Nas Minas, foram os leigos os responsáveis pela implantação do catolicismo e não os religiosos, por meio de Irmandades que, num primeiro momento agregavam senhores e escravos. Competia a tais associações os encargos com o estabelecimento e a manutenção do culto religioso, razão pela qual a Coroa estimulava o seu aparecimento” (ROMEIRO, BOTELHO, 2003, p. 181). As Irmandades representavam a realidade racial e ideológica da sociedade escravista. Havia associações de negros, de mulatos e de brancos. “As Irmandades muito contribuíram com a Metrópole no processo de colonização do Brasil, ajudando a diminuir as tensões sociais (conflitos entre as várias camadas da população), pois representavam um espaço onde as pessoas se reuniam, cantavam e aliviavam suas tristezas e sofrimentos. No caso dos escravos, por exemplo, as Irmandades abriam uma oportunidade para as manifestações culturais africanas, como o Reisado e o Congado” (BOTELHO, REIS, p. 101). “Os rituais do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, ou Congado, constituem uma das mais importantes expressões da religiosidade e da cultura afro-brasileira presentes em Minas Gerais. A cada ano, sob o comando dos tambores, das caixas e demais instrumentos, milhares de pessoas, das pequenas vilas à capital, cantam e dançam sua fé, prestando homenagens a Nossa Senhora do Rosário, aos seus antepassados e aos santos de sua devoção, sobretudo dos negros, Santa Efigênia e São Benedito, reatualizando e recriando a memória ancestral” (LUCAS, 2002, p. 17). Essas expressões culturais desenvolveram-se “no interior do sistema escravista brasileiro, resultando do violento processo de imposição cultural sofrido pelos negros. Como decorrência dos contatos culturais, os negros reelaboraram valores alheios à sua concepção de mundo, reinterpretando, assim, o catolicismo, por meio de sua própria cosmovisão. Nos rituais do Congado, portanto, estão presentes valores e saberes africanos, principalmente vinculados a culturas bantu, os quais, trazidos para o Novo Mundo, sobreviveram às imposições da cultura dominante, com ela se mesclaram, e

as necessidades de uma religiosidade pouco ortodoxa, a distância dos centros artísticos litorâneos, o afluxo de mestres de obras e oficiais provenientes de Portugal, a circulação de gravuras da Europa, e a inexistência de escolas ou de tradições artísticas estabelecidas. Dessa maneira, o barroco mineiro captou o universo sensível da profundidade da alma humana e a sensualidade de *madonas*, santos e anjos (expressa na solidez dos corpos, nos trejeitos humanos, no sorriso matreiro de arcanjos e querubins presentes nas pinturas- LATERZA, VIEGAS, 2003), revela a alegria de viver, a vontade de celebrar a dimensão mais profana da existência, tanto no sentido imediato das paixões, quanto no sentido profundo da experiência da plenitude. Essa representação da dimensão mais profana da realidade (acoplada ao sagrado mas impregnada de signos e fenótipos afro), pode ser bem exemplificada pelo teto da nave da Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto (Ataíde), com uma *madona* de cabelos crespos, nariz largo, lábios carnudos, seios fartos (revelados por um decote insinuante- inusitado em uma figura sagrada!), rodeada por anjos também com conspícuos traços mestiços! São características singulares que podem ser atribuídas à genialidade dos artistas de origem afro-brasileira. Paradoxalmente, o elemento afro, fisicamente segregado e ausente do interior das igrejas àquela época, marcava sua presença (e demarcava seu espaço), no plano do simbólico, construindo de forma original, seu protagonismo nesse contexto histórico particular.

Outro trabalho de pintura a óleo sobre tela de grande importância (no período compreendido entre o século XVIII e início do século XIX), de autoria de Manoel da Costa Ataíde, com aspectos subjacentes de “descontração” e de “informalidade”, corresponde à “Santa Ceia” do tradicional colégio confessional do Caraça (Santa Bárbara) em que se observa em flagrante contradição com os rígidos preceitos do catolicismo de outrora quanto à restrição de consumo de carne durante a quaresma “os apóstolos já tinham consumido um cordeiro cujos ossos estão sobre o centro da mesa. Há representação de três mulheres que servem os apóstolos à mesa, sendo duas de corpo inteiro. Destas, uma está de costas e traz uma garrafa na mão esquerda, enquanto levanta a direita ao conversar com um homem (serviçal?). A outra vem da cozinha trazendo entre as mãos uma travessa com um grande pão, enquanto recebe carícia no ombro direito feita por outro homem. A terceira, com a cabeça recoberta por um manto, tem o corpo ocultado pela anterior. Situa-se sob a porta da cozinha, mostrando tão somente o rosto (CAMPOS, 2005, p. 239). Esse rosto é de uma crioula ou mulata. “Talvez o pintor tenha querido retratar a importância do negro em Minas. Seu contemporâneo Aleijadinho e muitos de seus auxiliares eram mulatos” (ZICO, 2003, p. 222). Assim, em oposição à tradição pictórica europeia de certa austeridade nas representações da Santa Ceia, “esta cena dá um toque de graça profana a uma passagem tão tocante da vida de Cristo” (COELHO, 2005, p. 98).

se transformaram continuamente em sua trajetória brasileira” (LUCAS, 2002, p. 17-18). Os Congados evidenciarão, a propósito, o prestígio do antigo reino africano do Congo no imaginário popular brasileiro, segundo (SERRANO, WALDMAN, 2007).

¹⁰ Associações voluntárias com caráter de auxílio mútuo (assistência social). “No Brasil colonial, no Brasil, foram criadas associações nos moldes das confrarias, denominadas Irmandades” (BOTELHO, REIS, 2001, p. 47).

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O BARROCO E AS PAISAGENS CULTURAIS MINEIRAS

Para Corrêa (2001, p. 290) “a paisagem é, de um lado, o resultado de uma dada cultura que a modelou e, de outro, constitui-se em uma matriz cultural”. O autor caracteriza a paisagem como “uma vitrine permanente de todo o saber, expressando a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica”... “pois reproduzem o status social que os indivíduos tiveram em vida, assim como a localização residencial no espaço urbano”. Entende-se por sua vez como *paisagem cultural* um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço. Como observa Meneses (2004, p. 26) “é provável que, se fizermos uma pesquisa em qualquer cidade do mundo, veremos que a população urbana guarda carinho especial com lugares que quer preservar e que busca vivenciar”. E Denis Cosgrove, um dos maiores expoentes das linhas interpretativas da “escola anglo-saxônica” da Geografia Cultural contemporânea (DEUS, 2005), a propósito define como paisagens culturais residuais, “as paisagens relíquias, que os geógrafos utilizam como pistas para as reconstruções de antigas geografias” (COSGROVE, 1998, p. 118). O autor destaca que “há muito trabalho interessante a ser realizado sobre paisagens do passado e seus significados contemporâneos, e é um bom ponto de partida sua recriação em museus e parques temáticos”.

Assumimos aqui como hipótese de trabalho que a paisagem cultural barroca das Minas do século XVIII- composta por vários elementos simbólicos que incluem a arquitetura civil e religiosa, a história cultural, as manifestações artísticas, os rituais sagrados e profanos, o sincretismo religioso, etc.- constitui um exemplo típico e emblemático de “paisagem residual”, pois como sinalizam autores como Ávila, Gontijo e Machado (1996, p. 9), cidades mineiras como Ouro Preto, Mariana, Diamantina, Tiradentes, Serro, São João Del Rei ou Sabará, dentre outras, “ostentam ainda hoje, quase intocada, a paisagem própria do século XVIII”. Em Ouro Preto, o “traçado urbano colonial mantém-se intacto e as arquiteturas religiosa e civil mais expressivas, bem como as suas obras de arte, encontram-se preservadas” (UNESCO, CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, 2004, p. 147). E em Diamantina, a arquitetura religiosa local é primorosa (MACHADO FILHO, 1980; TIRAPELLI, 2000). Poderíamos incluir nesse circuito das cidades do período barroco (visualizadas como paisagens culturais residuais), também a *hierópolis*¹¹- conceito difundido pela Geografia das Religiões (ELIADE, 2001; ROSENDAHL, 1997, 2001, 2002, 2003, 2005), de Congonhas do Campo (onde se situa o local de peregrinação da época barroca então conhecido como “Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos do Arraial das Congonhas do Campo”, e cuja criação foi inspirada “no exemplo da igreja de Bom Jesus, em Braga, Portugal”- MANGUEL, 2001, p. 233).

As mixagens interculturais constituiriam importantes códigos para compreender essas paisagens particulares (AUBRÉE, 2000). E poderíamos identificar como um dos vetores mais contemporâneos e visíveis dessas paisagens culturais o “*saber fazer*” das comunidades rurais locais de distritos de Ouro Preto (envolvidas com o artesanato em *pedra-sabão*, com a fabricação de cachaça em alambiques tradicionais e com a produção de doces- como “goiabada cascão” e marmelada-, ou com a fabricação de

¹¹ Define-se *hierópolis* ou cidades-santuário como “todos aqueles lugares considerados sagrados por uma dada população local, regional ou nacional” (ROSENDAHL, 2003, p. 206).

farinha de mandioca e fubá em moinhos d'água. Pois como aponta Simão (2001), o passado e suas referências marcadas no território, as manifestações culturais tradicionais, repassadas de geração em geração, as formas de fazer- objetos, alimentos, festas- voltam, na atualidade, a ser valorizadas". Para Funari e Pelegrini (2006, p. 29) a valorização do patrimônio cultural e a necessidade de reabilitar os centros históricos, na atualidade, "constituem premissas básicas dos debates sobre o desenvolvimento sustentável das cidades latino-americanas, pois esses centros representam a síntese da diversidade que caracteriza a própria cidade". Amorim Filho (1999, p. 143) visualiza de forma bastante sugestiva essas representativas paisagens mineiras, para ele geradoras na população regional, de fortes relações e sentimentos topofílicos (TUAN, 1980), ao demarcar que:

"Minas Gerais possui o maior percentual de bens tombados no Brasil desde unidades espaciais de considerável dimensão, como é o caso de cidades inteiras (Ouro Preto, Mariana, Diamantina, por exemplo)... Esses bens tombados possuem valores que caracterizam a mineiridade, além de serem portadores de algumas das mais caras aspirações mineiras e nacionais. São, por outro lado, marcos de uma civilização que trazia para as montanhas de Minas simultaneamente, os valores paradoxais da busca da riqueza, da religião, da arte e da espiritualidade".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno – A Pluralidade da Geografia e a Necessidade das Abordagens Culturais. In: KOZEL, Salete, SILVA, Josué da Costa, GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Humanística**. São Paulo: Terceira Margem/ NEER, 2007, p. 15-35.
-
- _____ - Las Más Recientes Reflexiones Sobre la Evolución del Pensamiento Geográfico. Belo Horizonte, **Caderno de Geografia**, v. 7, n. 9, p. 5-17, jul. 1997.
-
- _____ – O Contexto Teórico do Desenvolvimento dos Estudos Humanísticos e Perceptivos na Geografia. **Publicações Especiais/ IGC-UFMG**, Belo Horizonte, n. 5, p. 9- 20, 1987.
-
- _____ – Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, Vicente, OLIVEIRA, Lúvia. **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Carlos (SP): EdUFSCAR/ Studio Nobel Editora, 1999, p. 139-152.
- ANDRADE, Mário – A Arte do Aleijadinho. In: MENDES, Nancy Maria. **O Barroco Mineiro em Textos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 84-88.
- ANJOS, Rafael Sânzio A.– **Territórios das Antigas Comunidades Remanescentes de Quilombos no Brasil**- Primeira Configuração Espacial. 2 Ed. Brasília: Mapas Editora, 2000, 92 p.
- AUBRÉE, Marion – L'Apport Africain Dans la Culture Nationale Brésilienne. **Hérodote**, Paris, n. 98, p. 148-160, 2000.
- ÁVILA, Afonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes- **Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro (Centro de Estudos Históricos e Culturais), 1996, 232 p.
- BASTIDE, Roger – O Mito do Aleijadinho. In: MENDES, Nancy Maria. **O Barroco Mineiro em Textos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 245-248.
- BECKER, Bertha K. - Amazônia: Nova Geografia, Nova Política Regional e Nova

- Escala de Ação. In: COY, Martin; KOHLHEPP, Gerd. **Amazônia Sustentável- Desenvolvimento Sustentável Entre Políticas Públicas, Estratégias Inovadoras e Experiências Locais**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda., 2005, p. 23-44.
- BORGES, Célia Maia – **Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário- Devoção e Solidariedade em Minas Gerais- Séculos XVIII e XIX**. Juiz de Fora (MG): Editora UFJF, 2005, 252 p.
- BOTELHO, Ângela Viana; REIS, Liana Maria – **Dicionário Histórico- Brasil: Colônia e Império**. Belo Horizonte: Botelho, A.V. & REIS, L. M., 2001, 320 p.
- BRETAS, Rodrigo José Ferreira – O Mérito do Aleijadinho. In: MENDES, Nancy Maria. **O Barroco Mineiro em Textos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 70-74.
- CAMINADA, Pedro Manuel Gismondi – Ataíde e Aleijadinho: Afinidade Estética. In: MENDES, Nancy Maria. **O Barroco Mineiro em Textos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 215-219.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes – A Pintura de Manoel da Costa Ataíde: Notas Sobre Suas Fontes, Aspectos Iconográficos e Estilísticos. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Manoel da Costa Ataíde: Aspectos Históricos, Estilísticos, Iconográficos e Técnicos**. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2005, p. 217-250.
- _____ - **Introdução ao Barroco Mineiro: Cultura Barroca e Manifestações do Rococó em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Crisálida Editora, 2006, 80 p.
- CARSALADE, Flávio – Itinerário dos Órgãos Estaduais de Preservação do Patrimônio Histórico: O Caso do IEPHA/ MG. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Urbanização Brasileira: Redescobertas**. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2003, p. 207- 219.
- CIVITA, Victor – **Os Grandes Artistas- Barroco e Rococó**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000, 360 p.
- CLAVAL, Paul – Champs et Perspectives de la Géographie Culturelle. **Géographie et Cultures**, Paris, n. 1, p. 7-38, 1992.
- _____ - Geografia e Dimensão Espacial: A Importância dos Processos na Superfície da Terra. In: ALMEIDA, Maria Geralda, CHAVEIRO, Eguimar Felício, BRAGA, Helaine Costa. **Geografia e Cultura- Os Lugares da Vida e a Vida dos Lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 17-46.
- _____ - Le Territoire Dans la Transition à la Postmodernité. **Géographies et Cultures**, Paris, n. 20, p. 93-112, 1996.
- COELHO, Beatriz – Restaurações de Pinturas do Mestre Ataíde. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Manoel da Costa Ataíde: Aspectos Históricos, Estilísticos, Iconográficos e Técnicos**. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2005, p. 83-110.
- CORRÊA, Roberto Lobato – A Dimensão Cultural do Espaço: Alguns Temas. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, 304 p.
- COSGROVE, Denis – A Geografia Está Em Toda a Parte: Cultura e Simbolismo Nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92-123.
- COSGROVE, Denis E., JACKSON, Peter – Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 135-146.
- DEUS, José Antônio Souza – Linhas Interpretativas e Debates Atuais no Âmbito da

- Geografia Cultural, Universal e Brasileira. Belo Horizonte, **Caderno de Geografia**, v. 15, n. 25, p. 45-59, 2º. sem. 2005.
- DEUS, José Antônio Souza; CASTRO, Henrique Moreira - Oscar Niemeyer- Dream And Innovation Architect's Works of Art and Inter-Transdisciplinary Inclusion Teaching Practices Developed in Belo Horizonte Metropolitan Region. Goiânia, **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 4, p. 138-155, ago. 2008a.
-
- _____ - Oscar Niemeyer- Dream And Innovation Architect's Works of Art and Inter-Transdisciplinary Inclusion Teaching Practices Developed in Belo Horizonte Metropolitan Region. In: Seminario Internacional Sobre Territorio y Cultura, 7, 2008, Goiânia, **Anais...** Goiânia, UFG/ Universidad de Caldas, 2008b, p. 425-438.
- DEUS, José Antônio Souza; NOGUEIRA, Marly; FANTINEL, Lúcia Maria – Índios e Quilombolas nas Regiões de Antiga Mineração no Brasil: A Dimensão Geohistórica e a Percepção do Espaço, **Caderno de Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 68-76, out. 1998.
- DUNCAN, James S., DUNCAN, Nancy – Reconceitualizando a Idéia de Cultura em Geografia. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 63-67, ago./ dez. 1999.
- ELIADE, Mircea – **O Sagrado e O Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2001, 191 p. Original Francês.
- FERNANDES, Orlandino Seitas – Sobre a Arte do Aleijadinho: Abrasileiramento e Valoração. In: MENDES, Nancy Maria. **O Barroco Mineiro em Textos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 96-99.
- FERREIRA, Delson Gonçalves– **O Aleijadinho**. 2 Ed. Belo Horizonte: Rona Editora, 2001, 216 p.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo – **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, 72 p.
- FURTADO, Júnia Ferreira – Transitar na Estrada Real- O Cotidiano dos Caminhos. In: COSTA, Antônio Gilberto. **Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real**. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Kapa Editorial, 2005, p. 192-205.
- GALLAIS, Jean – Alguns Aspectos do Espaço Vivido nas Civilizações do Mundo Tropical. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 7-15, jul./ dez. 1998.
- HALL, Stuart- **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 5 Ed. Tradução de Tadeu Silva e Guacira Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 102 p. Original Inglês.
- HOLZER, Werther– O Lugar na Geografia Humanista. **Território**, Rio de Janeiro, v. 4, n.7, p. 67-78, jul./ dez. 1999.
-
- _____ - Uma Discussão Fenomenológica Sobre os Conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio Ambiente. **Território**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 77-85, jul./ dez. 1997.
- LATERZA, Moacyr; VIEGAS, Sônia – Alegria no Aleijadinho. In: MENDES, Nancy Maria. **O Barroco Mineiro em Textos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 113-116.
- LEVY, Hannah – Modelos Europeus na Pintura de Ataíde. In: MENDES, Nancy Maria. **O Barroco Mineiro em Textos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 199-201.
- LUCAS, Fábio – **Luzes e Trevas**- Minas Gerais no Século XVIII. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, 184 p.
- LUCAS, Glaura - **Os Sons do Rosário**: O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, 360 p.

- MACHADO FILHO, Aires da Mata – **Arraial do Tijuco**- Cidade de Diamantina. 3 Ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada/ EdUSP, 1980, 306 p.
- MANGUEL, Alberto – **Lendo Imagens**: Uma História de Amor e Ódio. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 358 p. Original Inglês.
- McDOWELL, Linda – As Transformações da Geografia Cultural. In: GREGORY, Dereck, MARTIN, Ron, SMITH, Graham. **Geografia Humana**- Sociedade, Espaço e Ciência Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p 159-188.
- MENESES, José Newton Coelho – **História & Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, 128 p.
- MEYER, Claus – **Passos da Paixão** – O Aleijadinho. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento/ Livro Arte Editora, 1979, 130 p.
- MOURÃO, Cleonice Paes Barreto *et. al.* – Leitura Semiótica dos Profetas do Aleijadinho. In: MENDES, Nancy Maria. **O Barroco Mineiro em Textos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 120-123.
- MUZZI, Eliana Scotti- Os Profetas do Aleijadinho: Figuras da Opressão. In: MENDES, Nancy Maria. **O Barroco Mineiro em Textos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 185-192.
- OLIVEIRA, Livia - Percepção e Representação do Espaço Geográfico. In: DEL RIO, Vicente, OLIVEIRA, Livia. **Percepção Ambiental**: A Experiência Brasileira. 2 Ed. São Carlos (SP): Editora UFSCar/ Studio Nobel, 1999, p. 187-212.
- _____ - Representação Cognitiva do Mundo Interior. In: OLIVEIRA, Livia, FERREIRA, Yoshiya Nakagawara, GRATÃO, Lúcia Helena Batista, MARANDOLA Jr., Eduardo. **Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Londrina (PR): Editora Humanidades, 2006, p. 35-47.
- OLIVEIRA, Livia; MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho – Percepção, Cognição, Dimensão Ambiental e Desenvolvimento Com Sustentabilidade. In: VITTE, Antônio Carlos, GUERRA, Antônio José Teixeira. **Reflexões Sobre a Geografia Física no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 129-152.
- PAIVA, Marco Elíseo – A Arte de Ataíde e Suas Fontes Minerais. In: MENDES, Nancy Maria. **O Barroco Mineiro em Textos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 227-236.
- PEREIRA, Carlos Alberto, LICCARDO, Antonio, SILVA, Fabiano Gomes – **A Arte da Cantaria**. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2007, 119 p.
- REIS, J. J., GOMES, F. S. – **Liberdade Por Um Fio: História dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 569 p.
- ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Ângela Viana – **Dicionário Histórico das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, 320 p.
- ROSENDAHL, Zeny - Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 187-224.
- _____ - **Espaço e Religião**: Uma Abordagem Geográfica. 2 Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, 90 p.
- _____ - Espaço, Política e Religião. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 9-38.
- _____ - O Sagrado e o Espaço. In: CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo

- César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato – **Explorações Geográficas: Percursos no Fim de Século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 119-153.
- _____ - Território e Territorialidade: Uma Perspectiva Geográfica Para O Estudo da Religião. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Temas Sobre Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p. 191-226.
- SCARANO, Julita – Bebidas Alcoólicas e Sociedade Colonial. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris. **Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Editora Hucitec Ltda./ EdUSP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/FAPESP, 2001, p. 467-486.
- SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício – **Memória d'África: A Temática Africana em Sala de Aula**. São Paulo: Cortez Editora, 2007, 327 p.
- SIMÃO, Maria Cristina Rocha – **Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001, 128 p.
- SMITH, Robert – O Aleijadinho, Um Profeta Maior. In: MENDES, Nancy Maria. **O Barroco Mineiro em Textos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 279-281.
- SOUZA, Laura de Mello – Festas Barrocas e Vida Cotidiana em Minas Gerais. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris. **Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Editora Hucitec Ltda./ EdUSP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/FAPESP, 2001, p. 183- 198.
- TIRAPELLI, Percival – **Arte Sacra Colonial: Barroco- Memória Viva**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/FAPESP, 2001, 287 p.
- _____ - **World Heritage Sites in Brazil**. São Paulo: Metalivros, 2000, 287 p.
- TUAN, Yi-Fu – **Paisagens do Medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005, 375 p.
- _____ - **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980, 288 p. Original Inglês.
- UNESCO; CAIXA ECONÔMICA FEDERAL - **World Heritage in Brasil**. 3 Ed. Brasília: UNESCO/ Caixa Econômica Federal, 2004, 394 p.
- VILLELA, Clarisse Martins – **CrITÉrios para Seleção de Rochas na Restauração da Cantaria**. Ouro Preto (MG): REDEMAT (UFOP/ CETEC/ UEMG), 2003, 81 p (Dissertação, Mestrado).
- WAGNER, Philip L., MIKESELL, Marvin W. – Os Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 27-61.
- ZICO, José Tobias – A Ceia do Caraça. In: MENDES, Nancy Maria. **O Barroco Mineiro em Textos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, p. 220-222.